

SOUSA GALITO, Maria (2017). “Populismo na República Romana (sécs. II-I a.C.)”. *CI-CPRI*, Artigo de Investigação, N.º 25, 28 dezembro, pp. 1-9.

CI-CPRI



Populismo na República Romana (secs. II-I a.C.)

Resumo

Este artigo defende a seguinte tese: a República Romana (séc. II-I a.C.) era bipartidária, com *optimates* e *populares* a rivalizarem pelo poder, numa sociedade altamente competitiva. Os primeiros defendiam os interesses do *status quo*, eram conservadores e defensores dos privilégios dos nobres ou da elite governante. Os segundos eram progressistas e falavam em nome do povo. Nenhum dos grupos controlava completamente a população, mas sentia necessidade crescente em fazê-lo, com base numa oratória cada vez mais populista (demagógica) e instrumental num contexto de meios a justificarem os fins.

Palavras-chave: Antiguidade Romana, República, Populismo

Abstract

This article defends the following thesis: the Roman Republic (II-I century BC) was bipartisan in a highly competitive society. The optimates favored of the status quo, were conservative and defended the privileges of the nobles or the ruling elite. The populares were progressive and spoke on behalf of the people. None of the groups completely controlled the population, but felt a growing need to do so, in order to achieve their goals, with the help of an oratory increasingly populist (demagogic) and instrumental when the end justified the means.

Keywords: Roman Antiquity, Republic, Populism.

Introdução

O artigo divide-se em três capítulos. O primeiro debruça-se sobre o papel dos oradores na República romana e faz um enquadramento sobre o tema a debate. O segundo dá enfoque a Cícero, o mais famoso dos retóricos da época (nem que seja por grande parte do seu legado ter chegado até nós, ao contrário de outros autores), que nos serve de referência e de termos de comparação, apesar da sua perspectiva ser necessariamente subjetiva. O terceiro debruça-se sobre o clientelismo, ou seja, o modelo social sobre o qual grassava o populismo.

Neste texto, utiliza-se *populismo* como sinónimo de demagogia e não deve ser confundido com o (partido) *popular*. Foram consultadas fontes secundárias consideradas relevantes nesta matéria. As traduções foram asseguradas pela autora.

1. Oradores

Na República romana, os homens que falavam em público eram os *oradores*¹. Nem todos os senadores eram retóricos. Mas alguns dos principais estadistas começaram por ser advogados ou lançaram-se na arena política como tribunos da plebe.

Os oradores faziam uso da liberdade de expressão, que era considerada uma forma de “participação real na *Respublica*” (Valdés, 2009: 138) associada à *libertas* e ao fim da Monarquia, à luta de poderes entre patrícios e plebeus (Valdés, 2009: 131-132).

A *libertas* estava associada à tríade do Aventino (Ceres, Liber e Libera)². Começou por ser manifestação da pujança plebeia³, sobre os supostos abusos dos patrícios (inicialmente membros da elite guerreira, mais ligados à terra e menos à litigância). O que se traduzia em coragem para criticar o governo e disseminar as suas próprias ideias; em desplante para trocar de terceiros e tentar obter deliberações favoráveis; e força para atacar ou defender-se dos inimigos públicos no fórum (Valdés, 2009: 138).

Mas a liberdade de expressão era prerrogativa de todos os quadrantes da sociedade, não apenas dos plebeus, pois os patrícios herdavam o nome mas tinham de lutar pelo seu estatuto social num contexto competitivo, em que precisavam fazer prova de vida, arranjar dinheiro para entrar no Senado e concorrer às eleições. Nada estava garantido à partida. Rivalizavam entre si⁴ para reivindicar direitos.

¹ «O termo orador, em Latim, tinha uma aplicação mais ampla do que a atual. Os romanos chamavam oradores [*people orators*] aos profissionais que falavam em público, na assembleia popular ou no Senado ou em tribunal.» (Chroust, 1954: 118)

² «A 17 de março celebrava-se o festival da Liberalia em Roma. O nome do festival geralmente pensa-se associado ao deus Liber, considerado o equivalente romano de Dioniso. Mas as fontes não são conclusivas e é impossível afirmar definitivamente se o festival recebeu o nome desse deus ou talvez da toga *libera*, que os jovens romanos supostamente receberiam nesse dia, ou da deusa Libertas, ou de Jove com o cognome de Liber.» (Musial, 2013: 95)

³ «Lívio fala da *libertas plebis*, como “liberdade de”, e não “liberdade para”; a função do tribuno deveria ser defender, não atacar.» (Menezes, 2012: 29)

⁴ Havia nobres patrícios e plebeus. «A competição aristocrática significava que um membro individual da elite se envolvia em constante rivalidade com seus pares ao longo do *cursus honorum*.» (Hammar, 2013: 88)

Como os patrícios não podiam ser tribunos da plebe (campeões do povo), alguns excederam-se na cavalgada do poder em Roma, sobretudo no séc. I a.C., para compensar uma juventude pouco abonada financeiramente. Foram os casos de Sula, Catilina e César, numa balança de poderes que começava a pender, respetivamente, a favor de *homens novos*, mas abastados, como Mário, Cícero ou Pompeio.

A liberdade de expressão tinha limites? Havia leis contra a difamação e a corrupção. Mas ou eram escassas ou pouco aplicadas⁵ e facilmente manipuladas da perspetiva política, se entendidas como censura às reivindicações legítimas de um grupo discriminado.

À medida que aumentava o volume de litigações, os oradores perdiam os escrúpulos, em função do ouro que os patronos lhe prometiam. Alguns tinham “práticas sórdidas” com o objetivo de “dominar os ignorantes e extorquir os tímidos”, num ambiente de “declínio moral” da sociedade (Chroust, 1954: 122-123), baseado em rivalidades pessoais⁶. Tanto que os discursos podiam ser exagerados ou fúteis, mas incendiários, ao ponto de serem populistas e da «(...) a verborreia retórica ameaçar substituir a lei e a efetiva administração da justiça.» (Chroust, 1954: 120-121).

2. Cícero

Em Roma havia *optimates* e *populares* (Hammar, 2013: 82), mas nenhum dos partidos era imune à demagogia, sobretudo no período final da República. Cícero seria talvez, o que atualmente se poderia chamar, um populista de direita (ou seja, um *optimatus* de discursos exacerbados). Ele opôs-se ao populismo de esquerda de homens como César, Clódio e Marco António (*populares*). O seu legado pode ser consultado ainda hoje e é composto por 58 discursos e mais de 900 cartas, duas dúzias de tratados políticos e filosóficos, e que serviu de base a grande parte das fontes posteriores (Hammar, 2013: 41-42).

Cícero era um plebeu, mais concretamente um *homem novo* como Mário e Pompeio, pois, na sua família, foi o primeiro a entrar para o Senado. Começou por ser advogado e, desde cedo, manifestou ambições políticas, por isso, «(...) é difícil determinar se, nos seus discursos em tribunal, ele estava a representar o seu cliente ou a referir-se a assuntos do interesse geral.» (Chroust, 1954: 118)

As dissertações do autor foram instrumentais na sua afirmação pública e imortalizaram perfis por ele construídos, levando em consideração que as suas palavras ainda servem de referência para a caracterização de muitas personalidades históricas.⁷

⁵ «De facto, leis sobre difamação eram escassas e raramente aplicadas.» (Valdés, 2009: 138)

⁶ «A oratória era instrumental na vitória em tribunal, para ganhar o favor da população nas eleições e persuadir os pares sobre a ação política acertada. Portanto, a oratória era a principal arma nas rivalidades políticas da República romana.» (Hammar, 2013: 16)

⁷ «Traça os perfis de imortalidade que Cícero fez dos seus inimigos políticos e forensicos ao longo da sua carreira. (...) Encontram-se em discursos, não apenas perante senadores, mas perante eleitores e juizes. Durante a sua longa e ilustre carreira, Cícero constantemente encontrou novos alvos da sua oratória. (...) Eles eram, na sua perspetiva, ladrões, assassinos, conspiradores e, como António, inimigos do Estado. Eles eram perigosos e desviantes. Eles também tinham algo em comum – eles eram acusados de imoralidade.» (*Id. Ibid.*: 17)

O ódio de Cícero a Clódio transparece no discurso *De Domo Sua*, em que lhe chama *scortum populare*, ou seja, o “prostituto das massas” (Hammar, 2013: 260) como se o outro corrompesse o seu bom nome para agradar ao povo e dele obter os seus favores.

As Catilinárias e as Filípicas surgiram em períodos de rutura, mas teriam sido causa ou consequência do que aconteceu? É difícil responder à pergunta. O contexto não era estável há décadas, pois pequenos e grandes dramas sucediam-se em catadupa, criando traumas difíceis de sarar. Mas as Catilinárias e as Filípicas eram críticas virulentas a pessoas em concreto, as quais se sublevaram logo de seguida. Seriam Catilina e Marco António⁸ hostis ao regime político em vigor ou apenas inimigos pessoais de Cícero? O orador defendia os seus aliados (ou que afirmavam sê-lo) e ofendia aqueles que se lhe opunham,⁹ com discursos exacerbados que, embora se afirmassem favoráveis à República, podem tê-la colocado em risco¹⁰. Nesse sentido, os discursos de Cícero eram populistas.¹¹

Cícero olhava-se ao espelho ao enfrentar o Senado ou a turba, para mais eficaz e oportunisticamente vencer em tribunal, ganhar as eleições ou defender uma causa em que acreditava. Por exemplo, ele afirmava-se contra a guerra e dizia preferir qualquer tipo de paz (*Philippica*, 2.15.37). Mas quando ele entendia que a República estava em perigo, ele admitia que o Estado recorresse à violência¹² e, com base nessa ideia, aplicou a pena capital enquanto era cônsul. Não foi caso único. Embora não tenha participado no assassinato de César, louvou os criminosos por, supostamente, serem tiranicidas (salvadores da pátria que mataram o opressor).

⁸ Cícero «(...) foi assassinado por causa da sua oratória. No ano que antecedeu o seu desaparecimento, Cícero tentara convencer o Senado e o povo de Roma que Marco António era, não só seu inimigo pessoal, mas inimigo de Roma e, como tal, devia ser detido pela força militar. O instrumento principal do seu esforço político eram os seus discursos públicos.» (Hammar, 2013: 15)

⁹ «Como António criticou fortemente a Cícero após a primeira *Filípica*, Cícero escreveu a segunda *Filípica*, que era uma virulenta e insultuosa condenação de António. A partir desse momento, Cícero começou a repreender constantemente António, em termos extremamente graves. Com base nas *Filípicas*, parece que Cícero se opôs fortemente a António e apoiou Octávio, porque António o criticou e Octávio o elogiou e lhe prometeu apoio.» (Swain, 2014: 100)

¹⁰ «Cícero contribuiu para o fim da República Romana pelo amor que nutria pelo louvor e pela sua indisponibilidade para incorrer em atividade militar. Fontes antigas como Plutarco e Apiano concordam que Cícero possuía grande poder no Senado no período entre 44 e 43 a.C., pouco antes da queda da República.» (*Id. Ibid*: 99)

¹¹ «O populismo nada tem de moderado. Nem sempre foi considerado um termo pejorativo. A sua notoriedade depende da época, da região e da ideologia de quem o pratica ou comenta. Pode ter características regionais adaptadas à cultura e à religião dominantes, para melhor aceder aos recursos (riquezas territoriais) ou ao poder (controlo sobre as populações) mas, sob perspetiva macro, desenha um padrão comum que se repete: tende para o extremismo, é oportunista e anti-sistémico.» (Sousa Galito, 2017: 23)

¹² «Enquanto alguns investigadores acreditam que, para Cícero, a violência por vezes era necessária, a maioria deles enfatiza que, para Cícero, acreditava a violência era um último recurso (...) quando o Estado estava em perigo de ser derrubado. Cícero não era um pacifista, mas ele admitia que, na maioria dos casos, a violência era indesejável.» (Swain, 2014: 11)

De facto, emoções como a ira, o ódio e a dor (*De Oratore*)¹³, a indignação, a inveja e o furor¹⁴ foram muitas vezes empregues pelo autor, em nome de Roma, como se sensações suas (individuais) fossem expressões do coletivo.

Os oradores faziam uso das emoções para manipular os seus interlocutores,¹⁵ as quais nem sempre eram genuínas e Cícero aconselha os oradores a simulá-las, ao invés de senti-las (*Tusculan Disputations*, 4.55). Também admite vivê-las para obter uma grande reação da assistência (*De Oratore*, 2.189). Ele não estava a ser incoerente, se admitirmos que aprendeu a moderar a oratória com os gregos¹⁶ e a exceder-se na litigação em Roma.

Cícero estudou filosofia com Fílon de Larissa e Antíoco de Ascalão, lógica com Diodoro e retórica com Apolónio Mólón. Familiarizou-se com as leis através de Quinto Múcio Cévola. «Infelizmente, os grandes interesses de Cícero não incidiam no estudo técnico das leis, a que nenhum advogado sério se sujeitava, mas antes à retórica e à fascinante grandiloquência. Até à sua morte, ele manifestou um grande desdém, para não dizer desconfiança, pelas especificidades da lei.» (Chroust, 1954: 126) Não era o único a pensar assim. Marco António (avô do triúviro) defendia que “o estudo da lei era absolutamente inútil para um advogado.” (Chroust, 1954: 127)

Cícero também aprendeu representação com os atores como Esopo (trágico) e Róscio (cómico). É dimensão menos conhecida do autor, pois a histografia tende a branquear a sua reputação¹⁷, mas ele conferia grande importância à linguagem verbal e não verbal, aos gestos e à postura, manipulando o conteúdo a seu favor.

Esta questão é importante, pois um orador romano aprendia composição, “invenção”, estilo, “actio” e “hupokrisis”, para ser mais eficaz na obtenção de resultados, ao combinar as qualificações de advogado, filósofo, poeta e ator (Graf, 1991: 37).

Mas se um *homem novo* recorria aos serviços dos animadores de palco, sem perder a face, um nobre devia afastar-se ao máximo deles (McNiven, 2002: 328). A um patrício, tal comportamento não era perdoado. Sula foi bastante criticado, enquanto líder do partido *optimatus*, por não ser estoico, talvez mais um epicurista e se deixar corromper pelos vícios das classes baixas de Roma.

¹³ Cf. Knight, 2015: 42-43.

¹⁴ *Id. Ibid.*: 27.

¹⁵ «Embora a emoção tenha lugar nos tribunais modernos, o seu papel é minimizado e os advogados são desencorajados de usar retórica emocional para influenciar os jurados. Isso não era verdade nos tribunais romanos; por exemplo, aos jurados não eram dadas instruções sobre como julgar um caso e o conceito de “inocente até prova em contrário” não estava em vigor. Os apelos emocionais e as avaliações de caráter eram considerados válidos. Isso significava que os oradores romanos tinham grande liberdade de escolha de argumento e, como evidenciavam os discursos de Cícero, a persuasão emocional era muitas vezes preferida a outros tipos de argumentação.» (*Id. Ibid.*: 45)

¹⁶ «Portanto, a ênfase de Cícero no lado emocional da retórica não segue a tradição helenística, nem como vimos, de Aristóteles. Por outro lado, a influência emocional exercida pelo orador e a necessidade de estudar a natureza humana, de que fala Cícero, parece ter correspondência evidente com o *Phaidros* de Platão.» (Schütrumpf, 1990: 314)

¹⁷ Os discursos contemplavam uma versão. A sua correspondência privada vinculava a sua verdadeira opinião, que podia ser completamente diferente da oficial. «A imoralidade está várias vezes presente em Cícero, mas em lado nenhum nos livros sobre Cícero. A imoralidade é, ou minimizada ou ignorada completamente.» (Hammar, 2013: 29)

3. Clientelismo

A teoria tradicional é que a elite decidia o futuro da República, baseada na *amicitia* ou na *clientela*, pelo que os discursos públicos eram mais fumo do que fogo para entreter a população. Recentemente, os estudos passaram a admitir alguma soberania ao *populus romanus*¹⁸ (Hammer, 2013: 84).

A verdade é uma combinação das duas versões. A sociedade era piramidal,¹⁹ dinamizada por um sistema de favores que tinha influência sobre as escolhas dos eleitores e os conservadores, que temiam a força da turba, legislavam para a controlar. Exemplo disso foi o decreto de 121 a.C. que visava suprimir o apoio popular às reivindicações de Gaio Graco e em 63 a.C. de Catilina, sem esquecer que teve consequências gravosas sobre os seus executantes.²⁰

Os nobres não dominavam completamente o povo, porque a maior parte dos habitantes de Roma e das províncias não votava, sem esquecer que o escrutínio era processo complexo que podia ser indiretamente manipulável; mesmo admitindo que o voto era secreto, pois passava pelo escrutínio das centúrias e de uma oratória perniciosa, capaz de moldar a opinião pública (Alexander, 2007: 101). Por outro lado, passava fome e todo o tipo de dificuldades. No séc. I a.C. havia cerca de 320 000 pessoas a receber auxílio do Estado – sob a forma de entregas de trigo/cereais (Abbott, 2012: 37). Sem satisfazer as suas necessidades básicas, os mais pobres eram vulneráveis às falsas promessas, aos sentimentos de revolta, aos discursos exagerados, no fundo, ao populismo.

O clientelismo refletia-se também nas províncias. Havia líderes como Pompeio²¹, que dominavam reis estrangeiros, faziam uso dos recursos naturais e da influência local para, indiretamente, mexerem cordelinhos em Roma e governarem a cidade. O exército ajudava a manter essa posição de relevo, através da força ou da ameaça.

Quando os *capite censi* foram convidados a integrar as legiões, não tinham capacidade para se autofinanciar (adquirir cavalo próprio, ter armas ou dinheiro para se alimentar

¹⁸ «O *Populus Romanus* tinha um papel importante a desempenhar no processo de decisão, em Roma, no final da República. (...) Desde a *lex Hortensia* de 287 a.C. (...) a opinião popular e a sua pressão tinham grande influência na tomada de decisão do governo romano. A balança de poder tinha gradualmente mudado, pelo que no final da República, os membros dos principais grupos censitários já não dominavam as assembleias. As *tribules* rurais tinham-se transferido para Roma, trazendo consigo os seus registos rurais, o que alterou o equilíbrio nas assembleias tribais, pelo que o voto da não-elite já contava. (Earley, 2009: 356)

¹⁹ Por exemplo, Clódio era um patrício e tinha muitos clientes. Mas também era cliente de Crasso e de César. (Cormack, 2016: 3)

²⁰ «Quando o consenso falhava, podia passar-se ao confronto violento. Um exemplo claro foi o decreto do Senado, em 121 a.C. instruindo os cônsules para que a "*res publica* não sofresse dano" e, com base no qual, o cônsul Opímio suprimiu o movimento popular liderada pelo tribuno Gaio Graco e matou muitos dos seus partidários (cidadãos). A repressão armada de manifestações de cidadãos (incluindo a tentativa de golpe de 63 a.C., quando Cícero como cônsul executou cinco dos partidários de Catilina sem julgamento) foi justificado em várias ocasiões, posteriormente, pelo uso deste decreto. Mas se o Senado podia de facto rescindir o direito do cidadão a um julgamento tem sido matéria de debate e a hostilidade popular para Opímio, decorrente da implementação do seu decreto, pode ter desempenhado um papel na sua posterior convicção e exílio, e certamente contribuiu para exílio de Cícero em 58-57.» (Steel, 2015: 3)

²¹ «Pompeio trouxe a dominação pelo sistema cliente-patrono a um outro nível. Cícero afirma que Pompeio estava acostumado a afirmar que tinha cidades e reis e povos como clientes. Pompeu cultivava relações com outros nobres de forma igualmente cuidadosa. Pompeio subiu ao poder através da patronagem de Gens poderosas e antigas, como a dos Cipíões.» (Cormack, 2016: 4)

anos a fio fora de casa). Tornavam-se clientes dos seus chefes militares, quando estes lhes prometiam terras após vitórias sobre os inimigos.

Os magistrados, invés de defenderem o interesse geral, alimentavam ambições muito pessoais. Mas o povo, pragmática ou inadvertidamente, pouco se importava com as reais motivações por detrás da generosidade privada (que o Estado não podia comportar, pois tinha orçamento limitado). Em caso de necessidade, cedia ao populismo e premiava os senadores que mais lhe ofereciam entretenimento e cereais a preços baixos (ou gratuitos).

César começou por conseguir clientes na Bitínia antes de se candidatar a tribuno militar, recrutou uma frota ao rei Nicomedes e defendeu Nísia enquanto advogado, em Roma. Durante o tempo em que foi edil endividou-se para organizar jogos e fazer obras públicas. Quando ele foi curador da via Ápia, parece ter gerido eficazmente uma estrada icónica, que precisava regularmente de manutenção, por ser muito utilizada e unir Roma a Cápua, facilitando a vida aos romanos, o que lhe granjeou grande popularidade, somada à obtida pelos espetáculos de gladiadores. Assim se conclui, pois César, pouco tempo depois, foi eleito pontífice máximo e pretor, ascendendo ao consulado com relativa facilidade.

O exemplo de César é paradigmático, pois cidadãos mais ilustres e abastados que, ao contrário dele, apertavam os cordões à bolsa, não eram tão bem-sucedidos nas eleições. Mamerco (Emílio Lépidio) não se candidatou ao cargo de edil, para evitar incorrer em despesas avultadas, mas perdeu as eleições para o consulado. Ele só foi eleito à segunda tentativa, no ano seguinte (Abbott, 2012: 48-49).

Conclusão

A elite romana temia a turba ou tentava controlá-la, pela lei ou pela força da palavra, recorrendo ao populismo (demagogia) para atingir os seus objetivos, numa sociedade clientelista, em que a *auctoritas* conferia ao Senado um papel preponderante, ainda que o “o ambiente constitucional não lhe definisse poderes separados e distintos” num contexto de tensão permanente entre a tradição e a inovação (Steel, 2015: 19).

Os oradores começaram a ser cada vez mais cobiçados e a tentar dominar uma arte que conferia popularidade²² em contexto de liberdade de expressão e de afirmação política no Senado, nos *contiones*, nos tribunais ou no exército, embora também fosse forma de reivindicação das associações privadas ou uma manifestação artística (Valdés, 2009: 125). Quem tinha direito de falar esqueceu-se das suas responsabilidades cívicas e cometeu abusos, por falta de escrúpulos. Abriram-se brechas na sociedade e, em breve, eclodiram guerras civis, alimentadas por discursos populistas, que desembocaram no Império de Augusto.

Cícero era um orador altamente qualificado que fez carreira na advocacia. Com argúcia política, ascendeu ao consulado e recebeu o título honorífico de *pater patriae* (pai da pátria), pelo que atingiu o pico da celebridade. Até ser assassinado, foi um prolífero escritor. Deixou-nos uma tela pintada pelo seu pincel mas, ainda assim, indicativa da

²² «Ao aparecer frequentemente a favor dos seus clientes, em especial quando estes eram famosos, um eloquente orador forense adquiria, em geral, popularidade que lhe conferia atenção favorável do povo e o lançava numa ilustre carreira política.» (Chroust, 1954: 118)

forma como os romanos interagiam em sociedade. Teria tendências conservadoras, mas não era patricio, era um *homem novo*, não completamente aceite pela elite da cidade. Os seus discursos, tanto em tribunal como no Senado, parecem exagerados, manipuladores. Nem sempre são muito éticos. Mas permitiam-lhe ganhar muitas batalhas.

Admitindo a hipótese de Clódio, César e Marco António serem considerados, à luz da atualidade, populistas de esquerda, Cícero seria talvez um populista de direita. Eles atuaram num contexto de incerteza e de paixões exacerbadas, e desprezo pelos valores tradicionais romanos²³ que os arrastou para a guerra civil e os fez desembocar no Império.

Bibliografia

ABBOTT, Frank F. (2012). “The Common People of Ancient Rome – Studies of Roman Life and Literature”. *CMG Archives*, pp. 1-86. URL: <http://campbellmgold.com> (Accessed December 27th 2017)

ALEXANDER, Michael C. (2007). “Oratory, Rhetoric, and Politics in the Republic”. In DOMINIK, William and HALL, Jon (eds.), *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Wiley-Blackwell; pp. 98-108.

CHROUST, Anton-Hermann (1954). “Legal Profession in Ancient Republican Rome”. *Notre Dame Law Review*, Vol. 30, Issue I, Article 5, pp. 97-148.

CORMACK, Mallory (2016). “Creatures of the Triumvirs: A Study of the Patron-Client Relationship in the Late Republic.” Baylor University, *Thesis*, pp. 1-79.

EARNEY, CLaudine L. (2009). “Popular Political Participation in the Late Roman Republic”. Victoria University of Wellington, *Thesis*, pp. 1-417.

GRAF, Fritz (1991). “Gestures and Conventions: the Gestures of Roman Actors and Orators”. In BREMMER, Jan and ROODENBURG, H. (ed.). “A Cultural History of Gesture”. University of Groningen, pp. 36-58.

HAMMAR, Isak (2013). “Making Enemies – The Logic of Immorality in Ciceronian Oratory”. *Lund University*, pp. 1-381.

KER, Walter (1957). “Cicero – Philippics”. Cambridge MA: Harvard University Press. URL: <https://archive.org/stream/philippics00ciceuoft#page/n5/mode/2up> (Accessed December 27th 2017)

KING, J. E. (1927). “Cicero – Tusculan Disputations”. Cambridge MA: Harvard University Press. URL: <https://www.loebclassics.com/view/LCL141/1927/volume.xml> (Accessed December 27th 2017)

KNIGHT, Jayne E. (2015). “The Politics of Anger in Roman Society: A Study of Orators and Emperors, 70 BCE-68 CE”. The Faculty of Graduate and Postdoctoral Studies, The University of British Columbia, *Thesis*, pp. 1-233.

²³ «Nos últimos anos a riqueza levou à avareza; e o desejo ilimitado pelo prazer criou nos homens uma paixão em arruinar-se a si mesmos e a todos os demais através da autoindulgência e da libertinagem.» (Tito Lívio, História de Roma, Prefácio)

- MCNIVEN, Timothy (2002). “Rhetorical Gesture and Response in Ancient Rome”. *Semiotica*, 139, 1/4, pp. 327-330.
- MENEZES, Princilla (2012). “A Origem e Evolução do Tribunato da Plebe na Reforma Republicana”. *Pontifícia – Universidade Católica do Rio de Janeiro*, Departamento de Direito, *Tese*, pp. 1-86.
- MUSIAL, Danuta (2013). “Divinities of the Roman Liberalia”. *Przeegląd Humanistyczny*, 2, pp. 95-100.
- SCHÜTRUMPF, Eckart (1990). “Cicero De Oratore I and Greek Philosophical Tradition”. *Rheinisches Museum für Philologie*, Neue Folge, 133. Bd., H. 3/4, pp. 310-321.
- SOUSA GALITO, Maria (2017). “Populismo – Conceptualização do Fenómeno”. *CEsA/CSG/ISEG/Universidade de Lisboa*, WP 158, pp. 1-32.
- STEEL, Catherine (2015). “Introduction: The Legacy of the Republican Roman Senate”. *Classical Receptions Journal*, Vol. 7, Issue I, pp. 1-10.
- SUTTON, Edward W. (1967). “Cicero – De Oratore”. Cambridge MA: Harvard University Press. URL: <https://archive.org/stream/cicerodeoratore01ciceuoft#page/n5/mode/2up> (Accessed December 27th 2017)
- SWAIN, Edward J. (2014). “Cícero’s Role in the Fall of the Roman Republic”. Faculty of San Diego State University, *Thesis*, pp. 106.
- TITO LÍVIO (2011). “Historia de Roma desde su Fundación – Libros I a X” (Traducción del inglés de Bruce J. Butterfield al castellano por Antonio D. Sánchez). *Historico Digital*, pp. 1-420. URL: <http://historicodigital.com/download/tito%20livio%20i.pdf> (Acesso a 13/12/2017)
- VALDÉS, José (2009). “Freedom of Speech in Rome”. *Revista de Estudios Histórico-Jurídicos*, Séccion Derecho Romano, XXXI, pp. 125-139.